MEMÓRIAS DE TERRA, VERSO E CHÁ: TECENDO SABERES ENTRE ARTE, LITERATURA E QUÍMICA

Rennika Lázara Dourado Cardoso[1], Luciana Martini[2]

[1]Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás Nestório Ribeiro / rennika16@gmail.com
[2]Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Jataí / luciana.martini@ifg.edu.br

Resumo: O artigo apresenta as reflexões e os desdobramentos do projeto de extensão "Memórias: entre cores, traços e aromas", realizado pelo IFG Câmpus Jataí em parceria com o CEPMG Nestório Ribeiro. A proposta buscou investigar e vivenciar saberes das matrizes afro-brasileira e ameríndia, combinando o desenho, a extração de tintas à base de solos do território de Jataí — chão ancestral Kayapó — e a Arte do Cordel em diálogo com a química. Dividida em etapas que envolveram o preparo de bolsistas e oficinas com 11 alunas do 9º ano, a iniciativa focou no protagonismo feminino e na valorização das memórias de casa. A metodologia integrou o preparo de chás, a extração de pigmentos em laboratório e a produção poético-visual, fortalecendo a identidade e mostrando caminhos possíveis para a criação integrada.

Palavras-chave: Pigmento de terra. Ancestralidade. Arte do Cordel. Interdisciplinaridade. IFG Jataí.

Introdução

A rotina escolar costuma dividir o aprendizado em disciplinas isoladas que pouco conversam no dia a dia. Tentando movimentar essa lógica, a extensão "Memórias: entre cores, traços e aromas" nasceu com a ideia de aproximar o IFG Câmpus Jataí da comunidade ao redor, usando a herança afro-brasileira e indígena como ponto de partida para revisitar a nossa história e reconhecer a ancestralidade Kayapó no chão onde vivemos.

A proposta foi ganhando corpo ao articular duas frentes de trabalho: o Projeto Ninho (Chamada CNPq/MCTI/MMulheres nº 31/2023), voltado ao incentivo de meninas nas ciências, e a pesquisa "Cor Terra" (PIBIC-EM/CNPq, Edital 11/2024), aproveitando as misturas e tons extraídos dos solos locais. Esse trajeto segue diretamente o que orienta o Plano de Desenvolvimento Institucional do IFG (PDI 2019–2023), que incentiva a extensão focada em direitos humanos, equidade racial e respeito às identidades regionais.

Realizada no Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás Nestório Ribeiro, a ação reuniu 11 alunas do 9º ano do Ensino Fundamental, acompanhadas pelas docentes de Língua Portuguesa, Química e Artes Visuais. Partindo do gesto simples de fazer um chá em família, buscou-se ir instigando a curiosidade das estudantes sobre os processos químicos de extração e a poesia oral, resgatando lembranças ligadas às figuras femininas da casa (mães, avós e tias). A

terra de Jataí acabou deixando de ser lembrada apenas pela força do agronegócio para virar matéria de pertencimento, ancestralidade e criação artística.

Fundamentação Teórica

A proposta aproximou ensino, pesquisa e extensão para dar espaço às vozes das jovens no campo das artes e das ciências. Na hora de escolher os temas e palavras dos cordéis, as alunas foram buscando o enraizamento cultural de que tratam Bosi (2008a; 2008b), resgatando expressões típicas de suas famílias, até porque algumas delas vieram de fora da região e precisavam desse movimento de reconexão.

Para pensar o trabalho com as lembranças, recorreu-se a Halbwachs (2006, p.75), que analisa a "memória coletiva aquela que é compartilhada por uma comunidade" que nos dá o sentimento de pertencer a um grupo. Nas oficinas, as meninas precisaram ir mexendo nas próprias histórias, trazendo de volta práticas e afetos de casa que muitas vezes não encontram espaço nos livros didáticos.

A reflexão sobre a prática extensionista trouxe o aporte de Luz (2024), compreendendo a extensão na chave freiriana, em que pensar e fazer acontecem juntos para transformar a realidade. A ação cumpriu esse papel ao aproximar as estudantes do IFG e do CEPMG Nestório Ribeiro, provocando uma leitura mais crítica do currículo e atenta à diversidade étnico-racial (IFG, 2019).

As Artes Visuais deram sustentação ao processo ao transformar o barro e a terra em tinta. Cruzando traço, cor, poesia e aroma, a Literatura de Cordel permitiu juntar o conhecimento popular dos chás e do solo aos conceitos trabalhados nas aulas formais.

Metodologia

A escolha foi por um caminho qualitativo e participativo (GIL, p.10, 2002), preocupado com as questões relativas aos "fenômenos sociais) e atento ao contexto social e às leituras de mundo que iam aparecendo nas falas e nos desenhos das jovens. O trabalho organizou-se em dois momentos integrados:

Etapa 1 – Formação e preparo das bolsistas do IFG: As estudantes do ensino técnico ligadas aos projetos Cor Terra e Ninho fizeram oficinas de ilustração, escrita de cordel e testes de adequação da tinta de solo para aplicação em papel. Orientadas pelo Prof. Elinaldo Meira (UFG/FAV Goiânia), elas foram preparando o material e planejando como mediariam as atividades com a turma mais jovem.

Etapa 2 – Oficinas práticas no CEPMG: Junto às 11 alunas do 9º ano, a primeira parte trabalhou a estrutura do cordel, discutindo rima, ritmo e linguagem regional. Na sequência, vieram as vivências sensoriais com os chás, os experimentos de extração por infusão no laboratório de química e a oficina prática de pintura com a terra preparada pelas bolsistas.

Tudo foi acontecendo ao longo de 2025: março e abril reservaram a articulação entre as escolas; maio e junho trouxeram a preparação das bolsistas; julho marcou o contato com a turma do 9º ano; agosto e setembro acolheram as oficinas práticas; outubro e novembro serviram para ilustrar e amarrotar os livretos; e o encerramento ocorreu entre novembro e dezembro no Atelier Livre do IFG, com roda de conversa, partilha de chás e avaliação coletiva.

Resultados e Discussão

Acompanhar o projeto exigiu olhar o processo dia a dia. Os cadernos de campo, os registros de imagem e as conversas em roda mostraram um espaço horizontal de trocas, onde a distância entre "quem ensina" e "quem aprende" foi se desfazendo à medida que as tarefas avançavam.

As 11 alunas que concluíram o percurso foram aprimorando a escrita, a leitura e a expressão no papel, confirmando que o saber popular (Ferreira, 2008, p.199) traz suas próprias lógicas e seus valores que precisam ser respeitados na escola . O empenho das bolsistas do IFG foi decisivo, já que assumiram a responsabilidade de explicar os processos químicos e orientar as técnicas de pintura com pigmentos do solo.

Usar a terra vermelha local fez a turma rememorar o bioma Cerrado e lembrar da presença Kayapó, dando outro sentido ao chão que pisam: o barro comum virou cor viva no papel. Ao mesmo tempo, puxar os experimentos químicos a partir das histórias do chá de vó ajudou a aproximar a ciência da vida real, tornando conceitos abstratos em algo palpável.

Apesar das dificuldades normais para acertar os horários dos dois calendários escolares, a atividade final no Atelier Livre do IFG garantiu a exposição dos folhetos, a leitura dos versos em voz alta e uma troca bonita entre as participantes.

Considerações Finais

A caminhada do "Memórias: entre cores, traços e aromas" mostrou como trazer a vida para dentro da escola renova o interesse de quem aprende e de quem ensina. Como lembra Ailton Krenak (2020), para as “populações originárias o viver e o cuidado com a Terra não se

separam da criação"; o projeto buscou essa aproximação ao conectar o espaço acadêmico com a ancestralidade Afro-ameríndia e o território Kayapó.

A experiência com a Literatura de Cordel abriu um espaço importante de afirmação. O impacto de ver a própria história impressa em um folheto colorido com a tinta do solo do seu lugar trouxe para essas meninas um sentimento real de autoria, mostrando que o que elas têm a dizer conta e tem valor.

Outro ponto marcante foi a mudança de olhar sobre a continuidade dos estudos. O fato de estarem utilizando os laboratórios do IFG, convivendo com bolsistas e pesquisadores, fez com que muitas alunas fossem percebendo que o ensino superior e a rede federal não são realidades distantes, mas caminhos possíveis para o seu próprio futuro.

O projeto reforçou a extensão como esse espaço vivo de troca de conhecimentos (LUZ, 2024). Para experiências futuras, fica a recomendação de prever mais tempo para as oficinas e garantir recursos específicos para a compra de materiais artísticos, dando condições para que propostas como essa continuem acontecendo com calma e fôlego.

Termos de Uso de Inteligência Artificial Generativa

Neste trabalho foram utilizadas ferramentas de Inteligência Artificial Generativa como apoio exclusivamente para fins de revisão textual.

Agências de Fomento

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Chamada CNPq/MCTI/MMulheres nº 31/2023 (Projeto Ninho) e Edital PIBIC-EM 11/2024 (Projeto Cor Terra); Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG).

Referências

BOSI, Alfredo. Plural, mas não caótico. In: BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 2008a. p. 7-14.

BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 2008b. p. 16-41.

FERREIRA, Manuela Barros. Língua e patrimônio: a palavra como lugar de onde se vê o mundo. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **Estudos Geolinguísticos e Dialetais sobre o Português**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS (IFG). **Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI 2019–2023)**. Goiânia: IFG, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LUZ, Aline da Costa. **Feminismo, educação popular e extensão: a resistência criativa na formação de promotoras legais populares**. 2024. 144 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2024.